CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Bia entra no Top 10

Em um intervalo de poucas horas ontem, Bia Haddad Maia teve uma notícia boa e um resultado ruim. A tenista perdeu e foi eliminada do WTA 1000 de Wuhan, mas as derrotas das rivais garantiram a brasileira no top 10 do ranking de tênis. Antes mesmo de pisar em quadra, Bia Haddad viu as derrotas da russa Daria Kasatkina e da ucraniana Marta Kostyuk. As duas eram as únicas tenistas que poderiam evitar a entrada de Bia Haddad ao grupo das 10 melhores. Ela estava em 12º e figurará em 10º na segunda.

TÊNIS Aos 38 anos, o maior campeão de Roland Garros e segundo maior vencedor de Grand Slams de todos os tempos anuncia que se aposentará em novembro, na Espanha, de onde deixará um rastro de respeito, admiração e saudades nos amantes do esporte

O cometa Rafael Nadal

LUIZ ROBERTO MAGALHÃES
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

Rafael Nadal Parera jamais foi um jogador vulgar. Pelo contrário. E desde muito cedo tratou de deixar isso bem claro. Foi assim quando, aos 15 anos, entrou em quadra naquele setembro de 2001, em Madri, para enfrentar o compatriota Guillhermo Platel, sete anos mais velho, em um Future (torneio de pequeno porte do circuito profissional). O abusado espanhol, apesar de ter arrancado um set do rival, acabou derrotado. O que Platel jamais imaginou, assim como ninguém àquela altura, era que aquele menino de olhar determinado se transformaria em uma das maiores lendas do esporte de todos os tempos, dono de alguns feitos que dificilmente serão igualados no tênis.

O mundo das raquetes e os amantes do esporte em todo o planeta foram surpreendidos ontem com a notícia, dada pelo próprio Nadal, por meio de um vídeo emocionante publicado nas redes sociais, que o tenista, aos 38 anos, está prestes a se aposentar. O último torneio como profissional será o desafio entre Espanha e Holanda, válido pelas quartas de final da Copa Davis. O confronto será disputado em Málaga, na Espanha, entre 19 e 24 de novembro.

"Olá a todos, estou aqui para informar que estou me aposentando do tênis profissional. A realidade é que foram alguns anos difíceis, especialmente estes últimos dois. Não acho que consegui jogar sem limitações. É obviamente uma decisão difícil, uma que me levou algum tempo para tomar", explicou Nadal. Durante boa parte da carreira, o espanhol enfrentou o próprio corpo fora das quadras, com quem travou grandes duelos para se recuperar de lesões. Por fim, elas e o tempo, sempre ele, mostraram-se mais fortes até mesmo para Rafael Nadal.

Transição

Seriam precisos três anos desde aquela derrota diante de Platel para que Rafael Nadal finalmente entregasse para valer o cartão de visitas. O título no ATP de Sopot, na Polônia, em agosto de 2004, foi o primeiro do espanhol e pavimentou uma das transições mais impressionantes da história do tênis.

Em 2005, embalado pela conquista nas quadras polonesas, Rafael Nadal venceu inacreditáveis 11 torneios, incluindo o primeiro troféu em Roland Garros, quatro títulos de Masters 1000 (Montecarlo, Roma, Montreal e Madri) e um triunfo na Bahia, no ATP da Costa do Sauípe, segundo título do espanhol na carreira e que puxou a fila daquela inesquecível temporada. Quando o ano de 2005 começou, Nadal era o número 51 do ranking mundial. Ao final, o número 2. Acima dele reinava apenas um tenista: o suíço Roger Federer.

O que Rafael Nadal fez a partir de 2005, especialmente em Paris, é algo que dificilmente algum especialista em tênis ouse dizer que alguém será capaz de repetir. Foram 14 títulos em Roland Garros e, somando a outros quatro títulos no US Open, dois no Aberto da Austrália e dois em Wimbledon, tornaram o espanhol o segundo maior vencedor da história dos Grand Slams, com 22 troféus, atrás apenas do sérvio Novak Djokovic, dono de 24 títulos.

Para se ter uma ideia do que representa conquistar 22 títulos em Grand Slam, dos quais 14 em apenas um deles, basta lembrar que antes de Nadal, Federer e Djokovic aparecerem, o maior vencedor da história do circuito era o norte-americano Pete Sampras, com 14 taças.

No Olimpo

Em 2008, Nadal, após vencer Wimbledon pela primeira vez, derrotando Federer em uma das maiores finais da história, conquistou em seguida a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim na chave de simples. Ali, o Touro Miúra, nascido em Manacor, na Ilha de Maiorca, em 3 de junho de 1986, tornou-se apenas o segundo homem na história a conquistar o chamado golden slam, ou seja, vencer os quatro torneios do Grand Slam e ter a medalha de ouro olímpica na conta.

Até então, apenas o norte-americano Andre Agassi, campeão olímpico em Atlanta-1996 e dono de oito títulos de Grand Slam, havia realizado a façanha. Neste ano, em Paris, ao conquistar o ouro na chave de simples, sonho que Federer não conseguiu realizar, embora tenha conquistado o ouro de duplas em Pequim 2008, Novak Djokovic juntou-se a Agassi e Nadal no Olimpo do tênis.

Rei do saibro

Rafael Nadal é o maior jogador de saibro que o mundo já viu. Dono de 92 títulos de simples na carreira, dos quais 63 no piso de terra, o espanhol detém um retrospecto de 484 vitórias e somente 51 derrotas nessa superfície, o que lhe assegura um aproveitamento de 90,5% no saibro.

Rei absoluto em Roland Garros, Nadal também é o maior campeão da história nos Masters de Montecarlo (11 títulos), Roma (10) e Madri (5), além de acumular incríveis 12 troféus no ATP 500 de Barcelona. É dele também o recorde de vitórias seguidas no saibro, com 81 triunfos entre abril de 2005 e maio de 2007. Trata-se da maior série de vitórias entre homens e mulheres em uma mesma superfície desde o início da Era Aberta, a partir de 1968, quando os Grand Slams passaram a permitir que os profissionais disputassem os torneios.

Outros recordes

Ao domínio no saibro somam-se outras façanhas de Rafael Nadal que dificilmente serão superadas. Apesar das lesões, o espanhol é o jogador que mais semanas consecutivas permaneceu no top 10 do ranking mundial. Foram 912 semanas, entre 2005 e 2023, das quais 209 semanas ele esteve no topo da lista. A título de comparação, o segundo jogador com mais tempo no top 10 é o norte-americano Jimmy Connors, com 788.

O Touro Miúra sai de cena como o tenista que mais superou rivais números 1 do mundo em todos os tempos. Desde 1973, quando o ranking foi criado, Nadal não tomou conhecimento dos líderes do ranking em 23 confrontos. Parece pouco? Djokovic fez isso 16 vezes na carreira. E o segundo que mais celebrou essas vitórias marcantes, o alemão Boris Becker, sentiu esse prazer em 19 partidas.

Resiliência e mental

Para quem teve a honra de ver Rafael Nadal no auge da forma, a imagem que ficará para sempre gravada é a de um jogador que deixava tudo o que tinha na quadra: ponto após ponto, game após game, set após set. Também fica o exemplo de uma força da natureza dono de controle mental como o tênis jamais viu. Inabalável, resiliente, Nadal não se entregava. A capacidade de não se abalar diante das dificuldades e reviravoltas do esporte é lendária. Como prova, Nadal jamais cedeu a um momento de fúria e quebrou uma raquete como jogador profissional.

Cometa Halley

A passagem do famoso cometa Halley, visível apenas a cada 75 ou 76 anos, é um dos momentos marcantes para os seres humanos. Rafael Nadal é um desses cometas, cuja passagem pelo mundo das raquetes tem tudo para ser ainda mais rara do que o astro que nos visita vez por outra.

Dificilmente as próximas gerações terão a chance de ver um jogador como Rafael Nadal, um dos maiores atletas de todos os tempos, não apenas do tênis, mas de qualquer esporte. Sem ele, a maior era do tênis em breve perderá dois de seus três maiores expoentes. Primeiro foi Roger Federer, que se aposentou em 2022. Agora, é Rafael Nadal.

Resta Novak Djokovic. Campeão olímpico, o sérvio persegue apenas mais um objetivo: vencer o 25º Grand Slam, o que o tornará o maior campeão da série de todos os tempos, entre homens e mulheres, já que a australiana Margaret Court divide com ele o recorde de 24 títulos em Slams.

O espanhol, o suíço e o sérvio terem nascido e jogado no mesmo período é algo que só quem os viu em ação será capaz de entender. Essa junção de estrelas está para o futebol como se Pelé, Maradona e Messi tivessem dividido os gramados em seus períodos de auge, cada um em um time, enfrentando-se numa mesma liga e competindo por suas seleções na Copa do Mundo.

O Touro Miúra deixará saudades. Mas ainda resta mais um capítulo. Assim sendo, que venha a Copa Davis em Málaga, onde o mundo, definitivamente, renderá a Rafael Nadal todas as homenagens, aplausos e lágrimas emocionadas por sua despedida que ele merece!